




Diálogos

ISSN 2177-2940



Na artesanaria de mundos: a potência de agir de mulheres técnicas na maquinaria política de cidades da Síria e da Mesopotâmia

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v29i2.72666>

João Batista Ribeiro Santos

 <https://orcid.org/0000-0002-9087-3061>

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo-SP, BR

E-mail: jj.batist@gmail.com

In the worlds' making: the power of action of technical women in the political machinery of cities in Syria and Mesopotamia

Abstract: This scientific essay aims to investigate, with circumstantial evidence, the daily lives of women, considering the structural foundations and technical activities. The comparative and historical approach is justified by the nature of the material sources. With this, it is intended to establish a historiographical approach that highlights the transformations operated by women in political entities in the Levant between the Intermediate Bronze and beginning of the Iron Ages. The sources may demonstrate that the transformations in societies where female protagonism took place in essential economic activities, patriarchal powers, as well as royalty, had their policies oriented in a heterarchical sense, implemented through intersectional procedures.

Key words: women in Antiquity; women's daily life; technical women; ancient world.

En la artesanía de mundos: el poder de acción de las mujeres técnicas en la maquinaria política de las ciudades de Siria y Mesopotamia

Resumen: Este ensayo científico busca investigar, con evidencia contextual, la vida cotidiana de las mujeres, considerando los fundamentos estructurales y las actividades técnicas. El enfoque comparativo e histórico se justifica por la naturaleza de las fuentes materiales. Con ello, se pretende establecer un enfoque historiográfico que destaque las transformaciones operadas por las mujeres en las entidades políticas del Levante entre la Edad del Bronce Medio y el inicio de la Edad del Hierro. Las fuentes pueden demostrar que las transformaciones en sociedades donde el protagonismo femenino se dio en actividades económicas esenciales, poderes patriarcales y la realeza, tuvieron políticas orientadas en un sentido heterárquico, implementadas mediante procedimientos interseccionales.

Palabras clave: mujeres en la Antigüedad; vida cotidiana de las mujeres; mujeres técnicas; mundo antiguo.

Na artesanaria de mundos: a potência de agir de mulheres técnicas na maquinaria política de cidades da Síria e da Mesopotâmia

Resumo: Esse ensaio científico tem por objetivo investigar, com evidência conjuntural, a vida diária de mulheres, considerando as fundações estruturais e as atividades técnicas. A abordagem comparativa e histórica se justifica pela natureza das fontes materiais. Com isso, pretende-se estabelecer uma abordagem historiográfica que evidencie as transformações operadas por mulheres em entidades políticas no Levante entre a Idade do Bronze Intermediário e o início da Idade do Ferro. As fontes poderão demonstrar que as transformações em sociedades onde se deu o protagonismo feminino nas atividades econômicas essenciais os poderes patriarcais, bem como as realezas, tiveram suas políticas orientadas em sentido heterárquico, implementadas através de procedimentos interseccionais.

Palavras-chave: mulheres na Antiguidade; vida diária de mulheres; mulheres técnicas; mundo antigo.

Recebido em: 09/07/2024

Aprovado em: 13/10/2025

Mas a vida é real e de viés

O Quereres, Caetano Veloso

Estruturalmente, a historiografia terá por objetivo apresentar alguma produção de artefatos de mulheres que contribuíram com as transformações tecnológicas de cidades sírias e mesopotâmicas. Aparentemente ordinária, pela raridade nas linguagens textuais e visuais transmitidas pelas elites de entidades políticas, a potência de agir de mulheres – *agence* – será situada em seu lugar de circunstancialidade, no contexto da estrutura da sociedade e a dinâmica das relações interpessoais em que são de algum modo identificadas – entendido segundo a fórmula *o acontecimento-objeto, os acontecimentos intercalados entre o objeto e o tempo do historiógrafo ou artista, e o momento do registro histórico*¹. Descobertas arqueológicas e informação etnográfica se tornam objetos do processo de revisão da percepção que se tem das mulheres como subalternas ao regramento do patriarcado aristocrático – a classe governante local –, por ignorar a *agence* feminina transformadora dos mais diversos espaços seja do ambiente que faz parte da unidade doméstica, ou agregado familiar, seja da comunidade e esferas de poder estatal.

Este artigo se insere em uma pesquisa mais ampla acerca do trabalho técnico feminino, por isso algum conceito ou significação de termo de assunto secundário será remetido às referências e documentação em uso. Pretende-se elaborar linhas de força, num campo que ainda privilegia o patriarcado como síntese de poder nas sociedades antio-orientais, mesmo onde parece ter sido superado pela *agence* feminina/feminista à luz de evidências das experiências tangíveis das mulheres numa ampla geografia humana siro-mesopotâmica (Figuras 1 e 2)².

¹ Confirma orientação na teoria da interpretação (hermenêutica ontológica) de Paul Ricoeur (2014, p. 360).

² A Mesopotâmia desde o período Uruk III, as referências bibliográficas são em grande número. Aqui, o Levante seria o centro, e requer dados cartográficos por ser menos conhecido no contexto da temática desta pesquisa: o povo amurrita/amorita do noroeste da Síria com Aleppo, Mari e Emar à testa, até a época de emergência da Babilônia de Hammu-rabi (ḥammu-rābi, 1792–1750). É uma imensa região de entidades políticas semiautônomas que faz parte do antigo Oriente-Próximo, com territórios de diferentes magnitudes e escalas topográficas: na costa levantina tem-se a longa faixa repleta de contornos da Fenícia à Filístia e suas planícies, os altiplanos ocidentais, a zona do vale de Rift com os seus importantes rios – Orontes, Litani e Jordão –, a conexão do planalto oriental com a estepe, o deserto sírio, a Cilícia, Chipre, o Alto Eufrates, Jezirah e o leste da terra de Canaan que cobre a Jordânia. Por suas vias cruzadas por terra e rios, a produção multicultural das cidades-Estado do cosmopolita setentrional sírio e das metrópoles do Mediterrâneo oriental chegava ao meridiano canaanita e abastecia de novidades materiais e imateriais o centro-sul levantino e toda a Jordânia desde pelo menos o terceiro milênio AEC, o Egito a partir do segundo milênio AEC e também a Mesopotâmia, desde o início do primeiro milênio AEC. Ver Santos (2025c, p. 4), mas também as proposições sobre a geografia do Levante em Routledge (2017), Greenberg (2019), Mieroop (2020) e Squitieri e Altaweel (2022).

SANTOS, João Batista Ribeiro. Na artesanania de mundos: a potência de agir de mulheres técnicas na maquinaria política de cidades da Síria e da Mesopotâmia



Figura 1. Levante, Chipre e o vale do Nilo (ARUZ; SEYMOUR, 2016). Trad. e ed. João Batista Ribeiro Santos

Por meio da abordagem comparativa e histórica – situada no noroeste do Levante e cidades vizinhas mesopotâmicas, contatando os contextos geográficos na investigação dos testemunhos materiais –, serão apresentadas fontes textuais de diversos aspectos da vida diária de pessoas não masculinizadas que evidenciem a produção de objetos: empresária exportadora, técnica no forjamento de ferramentas, arquiteta, cervejeira, instrumentista musical, intelectual de simpósios – *marziḫu* –, líder musical transexual, governante de orientação sexual indeterminada (talvez lésbica), mulher que decidiu não ter filho e tantas outras que mudaram ambientes e paisagens do antigo Oriente-Próximo. Elas se situam em períodos de desenvolvimento de operações matemáticas, registradas em inúmeros tabletes de argila datados desde pelo menos o período de Uruk Tardio

nível IV (c. 3400–3100 AEC)³; com a sistematização do estudo de comportamentos astrais estabelecida por meio de cálculos no período Paleobabilônico (ROCHBERG, 2018, p. 14-21).

Na Mesopotâmia e no Egito antigo, os usos práticos da matemática, em matérias inumanas e na produção de seres e coisas materiais, auxiliaram no deciframento de fenômenos, em edificações e no forjamento de ferramentas utilizadas cotidianamente⁴. A estranheza acerca do silenciamento da presença de mulheres na solução de problemas técnicos tem em vista talvez menos em relação ao estilo retórico da ciência, mas sobretudo por sua utilização de ferramentas. Bastam algumas percepções arqueológicas básicas: cômodos e oficinas compartimentadas aos domicílios eram ambientes usados na transmissão do conhecimento técnico; técnicas matemáticas eram usadas em atividades da administração privada; cálculos e formas geométricas eram empregados na artesanaria – relevos, trabalho com contas, artes corporais, cerâmica e tecelagem⁵. Tendo em vista que muitas ontologias e suas bases epistemológicas das ciências históricas raramente se ocupam distintivamente de mulheres técnicas de períodos arqueológicos das idades dos metais, a intenção será esboçar, na elaboração de linhas de força da produção de artefatos, alguns vestígios da técnica do gênero e a sua criação de mundos de mulheres – mundos economicamente complexos, mas que preservaram identidades relacionais⁶.

Objetivando os conceitos-chave na descrição histórica: a produção, como atributo dos processos culturais e condensadores de linguagens; a “técnica” e seus cognatos linguísticos (*mārūtu*; *šelappāiu*⁷), como sistematização e teorização de sinais; o gênero como identidade, no domínio dos “resultados de mecanismos de construção e reprodução social, que variam no tempo e no espaço” em ambientes sociais onde as culturas são sobrepostas a dados biológicos na construção das identidades, interferindo na divisão das atividades sociais que privilegia o sexo, o tipo de corpo e as habilidades masculinas⁸.

³ As datações são disputadas, depende de quem pesquisa e suas fontes; sigo quase sempre Podany (2022), não obstante conferir as obras de referência citadas. Em relação às siglas, refiro-me a Antes da Era Comum (AEC), ou “antes de Cristo” (a.C.); quando e se dizer respeito à Era Comum (EC), ou ao tempo presente, será informado. Outras siglas são: e.g.: por exemplo; sum.: sumério; acd.: acádio; bab.: babilônico; grg.: grego; heb.: hebraico; ugr.: ugarítico.

⁴ Sobre o desenvolvimento e os usos da matemática no antigo Oriente-Próximo e no Egito antigo, ver as pesquisas das historiadoras da matemática Francesca Rochberg (2018) e Annette Imhausen (2021).

⁵ Tanto no Egito antigo quanto na Mesopotâmia, a matemática tinha conexões com a administração, e é interessante notar a sua relação na vida cotidiana de pessoas – não apenas na vida de representantes dos sistemas tributários oficiais – que se ocupavam da construção de assentamentos e da produção agrícola. De acordo com Imhausen (2021, p. 14), “além das técnicas matemáticas para calcular os volumes ou quantidades de grãos, um sofisticado sistema metrológico foi a segunda ferramenta para implementar o controle sobre os recursos de grãos”. Veja também Graeber e Wengrow (2022, p. 462).

⁶ Ver essa questão na abordagem de Hernando (2016, p. 32-33).

⁷ AEAD [PARPOLA, 2007, p. 61 *et passim*].

⁸ Michel (2024, p. 105). Para demonstrar que o gênero é variável e representa um fenômeno cultural, Michel (2024, p. 108-109) menciona o fato de a palavra “NIN” – 𒀭 – significar “irmã” e “rainha” em Sumer, e estar presente tanto nos nomes de deuses quanto de deusas. Ver a abordagem de Santos (2025b) sobre etnicidade, agência e gênero. Em

SANTOS, João Batista Ribeiro. Na artesanania de mundos: a potência de agir de mulheres técnicas na maquinaria política de cidades da Síria e da Mesopotâmia



Figura 2. Grandes reinos do antigo Oriente-Próximo, Idade do Bronze Médio (fonte on-line: brown blogs/Brown University [commons.wikimedia.org/wiki/File:Yamhad]. Acesso em 01/10/2021). Trad. e ed. João Batista Ribeiro Santos

Estruturas de entidades políticas e *agence* de mulheres técnicas: círculo dos fundamentos históricos

Visando a transmissão de aspectos das estruturas de entidades políticas e os espaços não masculinizados desde seus modos de vida informais, não se prescinde em reconhecer que, no ordenamento de entidades políticas do mundo antigo, o casamento e a liberdade da escravidão eram as duas condições em que se tinha em vista a obtenção de valor, e pelas quais se superava a condição de morte técnica do gênero e do gênio. No contexto da construção de mundo com espaço de mulheres, uma dona de respeito era forjada na exibição da inteligência (*hissat libbi*) como fator

adição, pode ser importante mencionar que, para a antropóloga Rita Segato (2023 [2013], p. 101), “o gênero sempre existiu”; em pesquisa mais recente, a arqueóloga da Pré-história Almudena Hernando (2016, p. 33) concluiu que “no começo das trajetórias históricas, não deviam existir diferenças de gênero” capazes de implicar em subordinação por divisão sexual.

de inovação. Esse tipo de espaço funcionava como uma espécie de mecanismo social; encontrado em metrópoles baseadas nas práticas agrárias e comerciais, era a possessão com o impulso que mobilizava a mulher aos ambientes públicos. Por outro lado, o núcleo familiar se encarregava pela mudança do tempo social, ambiente gerador de atividades que requeriam mão de obra especializada. Sem nenhuma correlação com o mito da domesticidade de mulheres, desafiando as fronteiras estabelecidas para patriarcados, veremos que o emprego de mão de obra feminina na produção de artefatos, incluindo casas e objetos de luxo num regime de bens individuais, tem atestação em artefatos escavados no interior de casas do Mediterrâneo oriental e do Levante meridional.

Apesar da ausência de registro de proprietário nos pesos normalmente usados no comércio e de moldes, que podem ter sido usados na artesanaria de joias e outros objetos, as evidências em Ugarit (Ras-Shamra; ^{KUR}*ú-ga-ri-it*) “sugerem que existia alguma produção secundária mais especializada nos agregados familiares” (McGEOUGH, 2021, p. 480-481). Nas esferas de poder fica mais bem atestada a capacidade técnica feminina, de acordo com o testemunho de um conjunto de tabletas escavadas em palácio de Ugarit, onde constam várias mulheres na lista de ocupações desempenhadas por homens, ainda que em algumas atividades os homens apareçam na lista como encarregados (KTU 4.714; cf. McGEOUGH, 2021, p. 481). Há evidência de pessoas na mesma escala hierárquica por um medidor social básico, a quantidade e a qualidade da alimentação: mulheres constam da lista “entre os homens como destinatárias de bens (talvez rações [comida]) nos textos administrativos do palácio” (McGEOUGH, 2021, p. 481).

As pequenas mudanças físicas que vão sendo realizadas nos cômodos de casas e os objetos que tomam forma de mobiliário, ao longo do segundo milênio AEC, revelam a prática de atividades especializadas. Essa questão diz respeito à criação e transformação de ambientes, e requer exemplificação: em uma casa de sítio arqueológico da cidade de Megiddo, na Idade do Bronze Médio, “a atividade de tecelagem – evidenciada por fusos, espirais, agulhas, furadores e possivelmente anéis de pedra – era tão extensa que é possível que algumas das salas fossem oficinas de tecelagem, embora não se distinguíssem da planta típica de uma casa” (EBELING, 2021, p. 468)⁹. Desse mesmo período, encontrou-se numa sala de casa em Tel Nagila¹⁰ “espirais de fuso e pesos de tear”, o que atesta a presença de uma oficina dentro de casa, ambiente de moradia de artesãs. Em uma casa de dois andares em Jericoh (*tēl yārīhōh*), construção também do Bronze Médio, “pesos de tear encontrados nos escombros do andar superior mostram que a tecelagem em

⁹ Ver também Daviau (2022).

¹⁰ Tel Nagila foi um importante sítio canaanita no Bronze Médio; na Idade do Ferro II passou ao controle de reinos aramitas/araméus.

um tear com peso de urdidura foi instalada no segundo andar”; e na importante cidade de Hazor (*tēl ḥāṣōr*) parece que mulheres se revezavam entre duas atividades nas quais eram as mestras, o cozimento de alimentos e a tecelagem: “em Hazor, foram encontradas evidências de fiação no mesmo espaço em que existiam artefatos relacionados à produção de alimentos” (EBELING, 2021, p. 469).

A alusão quanto a uma possível tradição empresarial de gênero se justifica pela evidenciação de atividades econômicas em salas de casas na Idade do Ferro, tendo nesse período a demanda como a causa da expansão para outros cômodos e agregados familiares da unidade doméstica, e, em seguida, para o espaço público. O mesmo processo pode ter ocorrido com a produção e conservação de comida e bebida em relação ao aumento de pessoas por famílias assentadas em áreas de produção de grãos¹¹, mormente nas famílias com dieta baseada em vegetais e cerveja. A estocagem da colheita destinada ao comércio e preparação de comida e bebida contribuiu significativamente para a expansão do espaço doméstico e adjacência. O tecido da vida social neo-hitita e aramita/arameu, portanto, tem em seu fundamento especialidades de mulheres que aliaram a capacidade técnica à análise topográfica: o desenvolvimento dos fornos cilíndricos aquecidos internamente (*tandirs*) adaptados a novas plantas arquitetônicas para casas, além de fornos em espaços abertos para uso coletivo, em comunidades da Anatólia e da Transjordânia (MEYERS, 2021, p. 490; EBELING, 2022, p. 98; SANTOS, 2025c); a estocagem de grãos e água; a produção de cerâmica; produção e estocagem de alimento, bebida e utensílios; a criação e estética de obras de arte, perfumes e têxteis; além de inventar, ou talhar, ferramentas para as suas atividades¹². Nota-se que, em muitos aspectos, os modos da vida privada são tornados públicos à medida em que as trocas de conhecimento se tornam de longa distância. O *lance de dados* foi o processo coletivizante dos afazeres comunitários que deram origem a redes de interações que abriram acessos a lugares públicos, sobre o qual, e seus resultados, lançarei luz abaixo.

¹¹ A composição de uma família variava em seu número de membros, mas de forma expandida era “composta de um casal de idosos, seus filhos e esposas e filhos dos filhos, filhas solteiras e, ocasionalmente, outros dependentes ou não parentes” (MEYERS, 2021, p. 488). O tamanho de uma família de determinado grupo étnico não variava muito em relação a outra; uma tradicional família israelita assentada, com base no tamanho das moradias, não apresenta grande diferença em relação a famílias de outras etnias. Em termos hebraicos, são as muito conhecidas *bêt ’āb* e *bêt ’ēm*, “casa do pai” e “casa da mãe” (obs.: provavelmente causado por edição gráfica, na enunciação de Meyers, grande especialista em “household” de sociedades antigas, o sinal de transliteração gráfica da consoante *ʾ* [’*alef*] está incorreto, porque na forma assinalada reproduz a consoante *ʿ* [’*ayin*]).

¹² Atestações arqueológicas constam em Ebeling (2021; 2022), Meyers (2021), Burton (2019), McGeough (2021), Yasur-Landau (2021) e Podany (2022). Um interessante ensaio sobre a alimentação, objetos de cozinha, obras de arte e algumas receitas da Babilônia antiga foi escrito por Barjamovic *et al.* (2019) para o catálogo da exposição “Ancient Mesopotamia Speaks” da Yale Babylonian Collection (Yale University); um exemplo prático de preparação de comida pode ser visto num vídeo disponibilizado por Peabody Museum of Natural History at Yale University: <https://news.yale.edu/2018/06/14/what-did-ancient-babylonians-eat-yale-harvard-team-tested-their-recipes> [Acesso em 06/08/2024].

Mas antes convém destacar outros aspectos, mirando as mulheres egeias que migraram para o Mediterrâneo meridional e se estabeleceram na Filístia (*māt pilišta*). Elas mantiveram coesos tanto a identidade étnica quanto o modo de vida; a preservação do estilo egeu nos contextos privados indicam que inexistiam inter-relações ou deslocamentos constantes. As evidências mencionadas pelo arqueólogo Yasur-Landau (2021, p. 313-314), o estilo egeu das panelas e o modo de preparo dos alimentos em lareira, podem ser ampliadas no cômputo das atividades lideradas por mulheres, tais como o desenvolvimento do torno de moldagem para ceramistas e as tecnologias aplicadas à produção de cestos e de têxteis pelas tecedoras, fiandeiras e oleiras. No contexto dos casamentos multiétnicos e das trocas materiais multiculturais adotados por famílias de grandezas sociais assentadas na Filístia, na assim chamada pentápole mediterrânea, as mulheres egeias da cidade de Ashdod fizeram da preservação da cultura alimentar uma fronteira étnica – a liderança feminina na cozinha: alimentos para o consumo, utensílios, instalações¹³.

Em relação ao processo coletivizante, as mulheres participavam de praticamente todas as práticas relacionadas aos suprimentos comunitários, inclusive na produção de objetos de luxo. Em várias fontes textuais¹⁴ estão enunciadas especialidades conectadas à unidade doméstica, no domínio da necessidade material: “preparação sazonal de alimentos secos”; processo de secagem de ervas, linho e outros cultivos; processamento e distribuição de vinho; “as mulheres teriam sido as cervejeiras” que detinham a “antiga tecnologia de fabricação de cerveja”; joalheiras; produção de utensílios de metal e de terracota; beneficiamento de fibras; a produção *kutānum*-têxtil; fabricação de roupas cerimoniais; prática escribal; trabalho administrativo em palácios. Muitas dessas produções especializadas eram trabalho cooperativo com os homens; havia localidades nas quais os homens eram os únicos artífices, com tarefas complementares destinadas às mulheres. Porém, é importante focar as técnicas e redes de mulheres num contexto em que, na transformação da paisagem do Levante, elas sejam encontradas na história do político. Em sua pesquisa etnoarqueológica acerca de mulheres israelitas, Meyers (2021, p. 494) afirma que “nas suas interações diárias, as mulheres normalmente partilhavam conhecimentos tecnológicos entre si, melhorando assim aspectos das tarefas de processamento de alimentos ou de produção têxtil”.

Agora é importante provocar o alargamento do círculo histórico. Na Anatólia, com base nas fontes textuais de Kanesh¹⁵ (Anatólia Central, moderna *Kültepe*) apresentadas por Aubet (2007, p. 389), muitas “mulheres dispunham de fundos e propriedades consideráveis”, possivelmente

¹³ Ver as evidências na abordagem minuciosa de Yasur-Landau (2021).

¹⁴ Ver Gansell (2020, p. 17-18), Meyers (2021, p. 490-492, 494-495), McGeough (2021, p. 480-481, 485) e Yasur-Landau (2021, p. 504-505).

¹⁵ Sobre a natureza das fontes e questões sociais da Assíria e da Anatólia, ver Michel (2016, p. 194-196).

acumulados, em partes, por reservas da família, do pai ou do marido, e dote em quantidade que as “converteram nas únicas responsáveis dos negócios, as que pagam os desastres financeiros e as dívidas de seus maridos e irmãos”. Assim, as mulheres acabavam por desempenhar múltiplas tarefas nos complexos processos da indústria têxtil, em suas demandas e etapas: a talhadura e adaptação de ferramentas (peso, fuso, espiral, agulha, furador, roca, e o aparelho do tear), aquisição e beneficiamento da matéria prima (tipo de lã; estiramento e torção de fibras naturais: lã e linho; em outras zonas, também o algodão), técnica de tecelagem, ou a manufatura, gestão do trabalho e a organização do comércio de longa distância (transações comerciais, resolução com representantes e credores envolvidos, notas contábeis, e registros de exportação e câmbio). De acordo com Barjamovic e Yoffee (2020, p. 107),

Uma estimativa conservadora do comércio durante o período mais bem documentado, de 1895 a 1865 AEC, é de pelo menos 200 cargas anuais de burros de Assur para a Anatólia. Isso corresponde a várias toneladas de estanho e milhares de tecidos de alto valor. Um tecido fino podia comprar uma casa¹⁶.

Mas o cenário podia assustar. Não raro, as empreendedoras tinham que resolver o embargo de produtos causado pelas frequentes “lutas pelo poder, guerras e alianças instáveis” nas cidades sírias e anatólias localizadas no itinerário dos caravaneiros assírios em viagens para a Anatólia¹⁷. Por outro lado, proporcionalmente à geração de riqueza suprarregional são construídos mundos reais na maquinaria política; eles emergem na dimensão da atuação pública das mulheres desde as unidades domésticas. Pode-se considerar que havia polos tecnológicos em funcionamento, com redes de conhecimentos informais dirigida pelas mulheres mais velhas visando a transmissão de saberes para as pessoas jovens envolvidas na empresa, cujo subsídio era “calculado pelo número de peças vendidas”¹⁸; e havia, externamente àquelas unidades, as redes de relacionamentos impulsionadas pelos vários contatos comerciais.

Nas redes externas, as negociações comerciais podiam ser tensas, em reunião contígua e mormente devido à distância entre os correspondentes seja sobre as remessas de produtos, seja por reclamação sobre a qualidade do produto, mas também por falha no envio do “preço dos tecidos” entregues em Kanesh¹⁹. Tarīš-mātum e Ištar-lamassī defendem efetivamente as suas empresas;

¹⁶ No original: “A conservative estimate of the trade during the best-attested period 1895–1865 BC is now at least 200 annual donkey-loads from Aššur to Anatolia. This corresponds to several tons of tin and thousands of high-value fabrics. A fine fabric could buy a house.”

¹⁷ Ver a abordagem de Barjamovic e Yoffee (2020, p. 108).

¹⁸ Fattori (2025, p. 127). A tese doutoral de Anita Fattori (2025, p. 126-143) fornece minuciosos detalhes; ver também Meyers (2013) e Ackerman (2022).

¹⁹ Ver Fattori (2025, p. 128-129).

estamos, pois, diante de duas importantes mulheres assírias dentre as que escrevem cartas para autoridades sediadas na Anatólia. Elas reivindicam o envio do dinheiro pela venda de seus produtos, tratam da recuperação de haveres e tentam solucionar conflitos comerciais. Algumas dessas empreendedoras ficaram muito ricas, como Tarām-kūbi, que possuía “abundantes joias e reservas em ouro”, sozinha cuidava da casa familiar, criava os filhos e distribuía tarefas para seus quatro serventes (funcionários; ou escravos?), enquanto seu marido Innaya se encontrava na Anatólia²⁰. E também ficaram altamente instruídas para pleitear seus direitos econômicos e políticos.

O direito a um segundo casamento legítimo é uma das novidades que seguem ao casamento que tem a função de convergir com a integração social, funciona como aliança entre famílias e faz parte do contexto de formas de hibridismo cultural amalgamado ao desenvolvimento econômico inter-regional²¹. As mulheres mantinham suas empresas e caravanas com autonomia, funcionando nos sistemas financeiros e de transporte, bem como em redes comerciais, numa época em que “o comércio de longa distância é controlado, em parte ou na totalidade, pelas grandes organizações, templos ou palácios, tanto mais envolvidos quanto são os principais consumidores de produtos importados” (GRASLIN-THOMÉ, 2014, p. 216).

Em quatro tabletes escavados na cidade de Sippar-Amnanum (moderna Tell ed-Dēr), parte da “Yale Babylonian Collection” do período Paleobabilônico Tardio²², constam registros da época do reinado de Samsuiluna (*šamšu-iluna*, 1749–1712 AEC) sobre *nadītum/naditus*-sacerdotisas industriárias, comerciantes e chefes de clãs. Isso testemunha materialmente o reconhecimento da capacidade empreendedora feminina naquelas sociedades. Na documentação aludida por Gansell (2020, p. 20), destaca-se uma empreendedora que, além de comerciante de terras, “ela também é uma *naditus*-sacerdotisa e, embora não se saiba se ou como ela pode ter se identificado como mãe, *naditus* não se casou, mas conseguiu adotar”. Eram sacerdotisas das divindades Shamash (*šmš*), Adad/Haddu (deus da Tempestade) e Nanna/Sîn (deus Lua) em Sippar, Kish, Ugarit. Michel (2024, p. 115) esclarece que elas preferiam permanecer solteiras, podiam herdar bens de seus pais e “viviam em ambientes onde tinham a capacidade e a liberdade de agir por conta própria”. Eis, portanto, a historicidade de mundo de mulheres profissionais de elite, cuja autonomia econômica transparece espaços agêneros; nesses espaços estão mulheres dos grupos designados como

²⁰ Ver dados em Aubet (2007, p. 388-389).

²¹ Nesse sentido, Aaron Burke (2023, p. 251-252) menciona a aplicabilidade do casamento envolvendo famílias de origem amurrita/amorita em Kanesh.

²² Sobre os tabletes: <<https://www.ebl.lmu.de/fragmentarium/YBC.4975>>[YPM BC 019039, YBC 04975];

<<https://www.ebl.lmu.de/fragmentarium/YBC.4976>>[YPM BC 019040, YBC 04976];

<<https://www.ebl.lmu.de/fragmentarium/YBC.4980>> [YPM BC 019044, YBC 04980];

<<https://www.ebl.lmu.de/fragmentarium/YBC.4983>> [YPM BC 019047, YBC 04983] (Yale Peabody Museum of Natural History, Yale University). [Acesso em 16/10/2025].

identidades complexas e fluidas.

Philippe Abrahami e Brigitte Lion (2021) apresentam várias listas de produtos têxteis de luxo das cidades-Estado de Ugarit, Qatna (moderna Tell al-Mishrifeh; *qa-ta-nim*^{ki}) e Nippur (moderna Nuffar; EN.LÍL^{KI}) destinados a rainhas, reis, divindades e pessoas das camadas dirigentes que devem ter sido usados nas mais diversas cerimônias políticas e religiosas. As roupas, descritas como “propriedade” (*unūtu*), eram confeccionadas com as mais diferentes fibras vegetais e animais em várias tonalidades de brilho, modelagem e estilo, o que justifica a mudança de nome conforme a peça. Em uma lista de produtos têxteis de Nippur, constam “dois tipos diferentes de itens. Os primeiros são quatro *tudittu* [presentes de noiva], dois dos quais são feitos de marfim (*šinni*) e os outros dois de ouro” (ABRAHAMI; LION, 2021, p. 15-16, 21-23). É notável o fato de as mulheres ricas usarem joias semelhantes às usadas pelas divindades – estátuas divinas – e que, talvez, a oficina que produziu as peças de joalheria mantinha tecelãs nas suas dependências, por terem a mesma origem os diferentes objetos. A roupa (*e.g.*: *išhenabe*) distinguia o gênero na peça produzida – masculino e feminino –, sendo que, em fontes textuais do Bronze Médio, o estilo era elaborado com minúcias acerca do destinatário. Contava-se a personalidade divina ou humana e a posição social, realeza ou pessoa de outro lugar e estrutura social; até o estilo do cabelo ou cocar (*kubšu*) diferenciava o gênero, além do motivo da encomenda e a faixa etária – porque disso tudo se credita a encomenda: o produto, o estilo, a cor, os acessórios e o valor.

Na Idade do Bronze Tardio, um número considerável de mulheres passou a exercer na metropolitana Ugarit as atividades econômicas que, nas funções da estrutura daquela sociedade, eram atribuídas aos homens. Refiro-me a mulheres guerreiras e caçadoras que mantinham na cidade as tradições da deusa Anat (ugr.: *'nt*; heb.: *'ānāt*), em meio a distinções de poder e atribuições sociais impostas por homens (McGEOUGH, 2021). Anat, como caçadora e guerreira, tornou-se uma esfera matriarcal na ancestralidade visto que o seu poder simbólico foi associado a algumas atividades econômicas de mulheres.

Por outro lado, no Levante meridional as características das funções de gênero tomam forma por meio das mais variadas manifestações cenográficas; o desafio que subjaz nas linguagens consiste em desconstruir o ordenamento das tradições literárias²³ e artefatuais que estão na origem

²³ Na tarefa analítica da literatura do antigo Oriente-Próximo, entendendo que há critérios mais valiosos para a datação de textos que a ortografia, pode-se ter em mente a postulação de Annette Zgoll (2024, p. 2): “Literatura’ é um rótulo associado, entre outras coisas, a textos que se distinguem pelo estilo e pela qualidade da escrita, exibindo um grau especial de excelência. A literatura é, portanto, entendida em sentido estrito como uma forma de arte. Essa arte, por sua vez, pode reivindicar um espaço autônomo; não precisa servir a nenhum propósito além de existir (*l’art pour l’art*). No entanto, a literatura desempenha diversas metafunções.” [No original: “Literature” is a label associated inter alia with texts that are distinguished by their style and craftsmanship and exhibit a special degree of quality. Literature is thus understood in the narrower sense as a form of art. This art, in turn, may claim an autonomous space;

das representâncias. Sobre esse ponto, retomo algumas linguagens imagéticas comumente usadas em significações ontológicas acerca do gênero. Algumas características cênicas e atribuições passam a ser associadas às mulheres pelo que Bloch-Smith (2016) chama de aculturação de papéis. O fenômeno ocorre quando atribuições de divindades femininas cruzam os limites do campo identitário das esferas do ser. O gênero permanece se espelhando, a natureza não muda naturalmente, enquanto o ser pode se multiplicar iconograficamente, ou não.

Precedendo aos saberes práticos, nas representações visuais e textuais de reis e deuses, a mutação do ser acontece por referência²⁴. No Levante meridional, a nudez forja conexões entre as mulheres e as deusas se observada como elemento constitutivo de relações em que a ausência de uma segunda veste (o têxtil, ou tatuagem, joias etc. sobre a pele!) seria um atributo das deusas²⁵. Dentre as muitas características de Ishtar (sum.: *inana/inanna*; acd.: *ištar*), deusa do amor e “associada ao mundo da guerra reservado aos homens” (MICHEL, 2024, p. 109), estão as que dizem respeito às práticas sexuais. No entanto, em Mari, cidade-Estado síria fortemente influenciada pelas políticas mesopotâmicas, foram encontradas imagens que enfatizam um estilo têxtil, ao invés da nudez, como numa placa de terracota²⁶ em que a deusa aparece com trajes de guerreira num pilar composto por dois leões e portando várias armas²⁷.

Como força de defesa, ou em serviço religioso na presença de deusas guerreiras – e.g.: Asherah (*’āšērāh*), Ashtart (*’aštart*), Ishtar e Anat (*’ānāt*) –, a função exercida por mulheres nuas na entrada do templo seria representativa das deusas no templo. Elas são encontradas no templo de Ain Dara, sítio neo-hitita localizado próximo a Aleppo (*ḥalab*), no noroeste sírio, e num santuário da cidade de Kamid el-Loz (*kāmid el-lōz; ku-mi-di*), localizado no vale libanês de Beqa’ (*wādī l-biqā’*), onde as mulheres atuavam como protetoras dos templos e das deusas²⁸. Nesses casos, que Bloch-Smith (2016, p. 4) expressa como podendo ser exemplos de “divindades menores mediando a passagem do reino do mundano para o sagrado”, talvez sejam, na verdade, reconstituições de

it does not have to serve any purpose other than to exist (*l’art pour l’art*). Nevertheless, literature serves various metafunctions.]

²⁴ Ver as abordagens repletas de testemunhos materiais apresentadas por Lewis (2020).

²⁵ Na correlação de linguagens visuais feita por Bloch-Smith (2016, p. 2).

²⁶ Placa em terracota da deusa Ishtar de pé em dois leões agachados. Período Paleobabilônico (c. 1900–1600 AEC); Yale Peabody Museum’s Babylonian Collection 038639; Número de acesso: Yale Babylonian Collection 10006; medida: 121 × 89 × 19 mm <<https://collections.peabody.yale.edu/search/Record/YPM-BC-038639>>. [Acesso em 10/11/2025].

²⁷ Ver referências na obra editada por Lassen e Wagensonner (2020; a imagem iconográfica está na p. 93), bem como a minuciosa análise de Albenda (2005, p. 178-86).

²⁸ Pelo testemunho arqueológico em relação ao que precede, acrescento a estatueta de uma mulher nua com “cabeça monstruosa” da comunidade síria de Tell Kashashok, c. 5000 AEC (National Museum of Aleppo, Alp 034/265 loc) e a estatueta de mulher nua da Anatólia, cerca do final do III milênio (The Metropolitan Museum of Art 66.12). [Acessados em 12/01/2024]. Nem todas as imagens mencionadas por Bloch-Smith foram reproduzidas em seu texto, mas nele constam várias estatuetas do Levante meridional da Idade do Ferro II–III (figuras 5 a 8, p. 8, 10 e 11).

realidade de mulheres potentes associadas com a divindade e protegendo os templos, numa função que também era exercida por grandes animais. Assim como árvores/ramos, cachos de frutos, coroas/guirlandas, pedestais/tronos, joias, têxteis e armas, além de outros elementos culturais, os animais (e.g.: leões, bois, vacas, cavalos, pássaros²⁹, peixes e cães) participavam da composição do espaço sagrado seja imiscuindo diretamente no culto e como guardiães, seja como espécies híbridas e entes apotropaicos³⁰.

Em atividades que ocupam lugares privilegiados relativamente ao gosto pela musicalidade, cantorias e instrumentos musicais, nos palácios e templos, mulheres representavam deusas guerreiras. Os casos envolvendo as tamborzeiras e tocadoras de tamborim – mulheres criadoras de ritmos – impelem-nos a evidências de mulheres musicistas na Mesopotâmia e particularmente sobre o Levante, onde no antigo Israel “as mulheres possivelmente viam nas suas estatuetas um símbolo da participação das mulheres e sacerdotisas no culto”³¹, embora nos primeiros séculos do primeiro milênio AEC o papel das tocadoras de tamborim representou uma insurgência à prática consagrada de função masculina. Contra as restrições aos espaços sagrados impostas por governantes masculinos, as tamborzeiras lutaram para preservar suas formas de identidade e tradições religiosas.

Atravessando a masculinidade por meios das potencialidades técnicas: fechando o círculo

Algumas questões devem ser colocadas antes da devida atenção sobre as especificidades das tecnologias, objetos e ocupações desenvolvidos por mulheres. Inexiste diversidade no sistema de autoridade, porque nos muitos arquivos todos os profissionais ligados ao comércio internacional são homens³², com as mulheres restritas às atividades básicas, como a produção e preparação de alimentos. Aliás, na produção de alimento registra-se o trabalho de uma mulher escravizada, uma “moedora de farinha (*tē'ittum*)”, porque “as moedoras de farinha geralmente eram escravas”, e a função compartilhada de estalajadeira. “Todos os funcionários assírios mencionados nos textos são homens”, bem como os cinquenta funcionários anatólícos e as autoridades e funcionários assírios estabelecidos na Anatólia, além de inexistir registro de governante feminina. O detalhe é que havia

²⁹ Além de serem encontrados em espaços de culto, os pássaros eram usados por divinizadores (*bārûm*) e especialistas no deciframento do tempo para os seus augúrios. Fontes textuais e icônicas atestam a atividade desses especialistas do norte do Levante, respeitados especialmente em função da antiguíssima tradição síria de áugures que serviram no segundo milênio AEC aos reis de Yamhad (*yamḥad*) e Hatti (*ḥatti*); no período neoassírio, especialistas do norte da Síria serviram aos reis da Assíria. Sobre atividades na Idade do Bronze, ver Burke (2023, p. 293-318), e sobre o período neoassírio, ver Radner (2009, p. 226-231).

³⁰ Ver as pesquisas de Radner (2009), Kertai (2015), Steinert (2017), Gansell (2020), Burke (2023, p. 266, 357) e Santos (2024b).

³¹ Paz (2007, p. 120; as imagens podem ser conferidas nas p. 37, 44, 51, 58, 65, 74, 120).

³² São “banqueiros, comerciantes, transportadores, carregadores, condutores de burros, porteiros, agentes” (MICHEL, 2016, p. 197).

mulheres técnicas e governantes femininas entre aqueles funcionários, autoridades e reis. Convém considerar o fato de que “devemos levar em conta que o dialeto local não fazia distinção de gênero e não podemos excluir completamente a possibilidade de que alguns títulos oficiais masculinos pudessem, excepcionalmente, ocultar o trabalho de algumas mulheres”. Nesse sentido, revela-se interessante o fato de uma profissão como a de tecelã/tecelão (*uṣpārum*) e a cadeia de produção têxtil, não raro associadas às mulheres até em relação à forja das ferramentas, serem identificadas apenas no masculino, à semelhança da profissão de escriba (*tupšarrum*)³³.

A masculinidade do tempo presente troca o questionamento operatório do homem ugarítico – Está a mulher também fazendo guerra? – por pergunta autoexasperante: Por que as mulheres assumem papéis masculinos? Ora, os papéis que as mulheres assumem não são masculinos, mas delas mesmas. Em locações privadas, raramente se identifica área exclusiva de trabalho de mulheres que não esteja associada à sua atividade autônoma ou coletiva; sobre as locações estatais, em templos são abundantes os casos de sumo sacerdotisas e nas administrações estatais, o agenciamento feminino vem de longe. Em meados do terceiro milênio AEC, a rainha-mãe Dimtur fundou “casa de mulheres” (sum.: E-Mi) no reino de Lagash e na capital Girsu – localizados na Baixa Mesopotâmia entre os rios Tigre e Eufrates –, a rainha Baranamtara, ou Barnamtarra, tinha selo impresso, portanto tinha autoridade real à semelhança do seu marido, o governante Lugalanda (lugal-anda, c. 2400 AEC), mantinha casas de mulheres e tinha autonomia para viajar por todo o território; mas tantas outras mulheres proeminentes estavam lá ao longo dos milênios antio-orientais³⁴. Um lugar onde se encontram utensílios de cozinha não deveria sugerir um *espaço de mulher* isolado, e a presença desses objetos num cômodo pode indicar atividades diversas, até mesmo parte do inventário da oficina da casa; a importância da religião na família quase invariavelmente leva ao uso apotropaico de utensílios que normalmente eram usados na cozinha – vasos, cestos, moringas, copos, panelas, pratos; não apenas estatuetas, santuários portáteis, relevos –; em qualquer caso, o caráter restritivo exige o marco fronteiro³⁵.

Cabe atentar para a quantidade de empreendimentos em unidades domésticas em cidades da Síria-Mesopotâmia no início do segundo milênio AEC³⁶; afinal, em relação ao imenso volume de exportações assírias no século XIX AEC, e.g., em milhares de fontes textuais catalogadas “há

³³ Neste parágrafo, todas as citações entre aspas são do mesmo lugar: MICHEL, 2016, p. 197-198.

³⁴ Ver Podany (2022, p. 92-111, 163). Para visualizar o selo de Baranamtara: Musée du Louvre AO 13222; material: argila; data: c. 2400 AEC <<https://collections.louvre.fr/ark:/53355/cl010137939>> [Acesso em 26/11/2025].

³⁵ Ver o debate estabelecido por Susan Ackerman (2022, p. 68-76) sobre os papéis de mulheres em unidades domésticas e as evidências arqueológicas.

³⁶ Ver Paz (2007), Aubet (2007), Meyers (2013, p. 125-135, 139-146), Greenberg (2019), Barjamovic e Yoffee (2020), Gansell (2020), McGeough (2021), Yasur-Landau (2021), Abrahams e Lion (2021), Podany (2022) e Archi (2023).

apenas uma única menção a um ‘palácio’ em Assur”, apesar das intervenções jurídicas e políticas do Estado nas operações³⁷. Assim, definamos a ocupação profissional: “uma atividade exercida por uma pessoa que passou por um treinamento ou educação específica”; sob o aspecto da remuneração, o “trabalho” é uma ocupação com atribuição, porquanto é uma tarefa que precisa ser cumprida³⁸. Baseada na correspondência, registrada em 22.500 tabletas do período Paleoassírio, trocada entre homens e mulheres na Assíria e em Kanesh, na Anatólia Central, Michel (2016, p. 194) destaca a capacidade feminina para “ler, classificar e escrever em tabletas”, além da perícia em registros de operações comerciais específicas.

Na Assíria do início do segundo milênio AEC, “mulheres solteiras, consagradas ou viúvas, assim como casadas, envolviam-se em operações financeiras semelhantes às realizadas pelos homens. Algumas parecem ter sido excelentes contabilistas” (MICHEL, 2016, p. 203). No Levante, as listas de servidores de entidades políticas mostram que as mulheres faziam parte das equipes de profissionais dos palácios, como atestado em Mari, e de prestadores de serviço externo, como as tecelãs, que trabalhavam na produção de roupa, e as “mulheres da colheita” (*munus-meš ešidī*), que trabalhavam na produção e provisão de alimento, água e outros suprimentos da categoria de subsistência³⁹. Parece que as tarefas que requeriam mão de obra tecnicamente qualificada eram destinadas às “filhas da corte”, cabendo às mulheres de outras linhagens níveis de qualificação diferentes, para a mão de obra que assegurava a manutenção doméstica de quarto, sala, cozinha, e até escribas que registravam ocorrências nesses setores – obedecendo as escalas de importância seja pela posição nas listas de funcionários, seja pela porção de ração/comida recebida⁴⁰ –, além dos trabalhos terceirizados. No palácio real da também levantina Ebla – cidade-Estado com elite consumidora de produtos de luxo e alimentos importados de Mari, dividida entre o palácio (SA.ZA^{ki}) e os distritos com produção agrícola e pecuária⁴¹ –, havia funcionárias a serviço da intimidade da rainha e de outras mulheres da corte em condições de privilégio e labuta tão diferenciadas quanto suas ocupações, desde cuidadoras letradas, parteiras e mulheres-mães exploradas em seu período de lactância até especialistas no tratamento da saúde, em fármacos, perfumaria e cosméticos, têxteis e acessórios (BIGA, 2016, p. 81-82, 84).

Se, nessas sociedades, o registro de atividade profissional exercida em ambiente externo à

³⁷ Barjamovic e Yoffee (2020, p. 108).

³⁸ Ver as definições apresentadas por Michel (2016, p. 193-194).

³⁹ Aprofundamentos nas análises de Lion e Michel (2022, p. 20-21).

⁴⁰ Ver detalhes das listas e da distribuição de alimentos em Mari na pesquisa de Lion e Michel (2022, p. 21-22, 25-26); sobre Ebla, ver Biga (2016), e no contexto da expansão amurrita/amorita e os movimentos sociais no Levante entre o terceiro e segundo milênio AEC, ver Burke (2023, p. 83-84, 139-144).

⁴¹ Sobre isso, ver Archi (2023, p. 27, 32).

casa e a atribuição de autoria literária a uma mulher são improváveis, outra questão de interesse diz respeito à afixação por escrito do fato. Aqui, a obra da sumo sacerdotisa e poeta Enheduana provoca um interesse particular, considerando que “os manuscritos preservados datam principalmente do século XVIII AEC”⁴² e “foram escritos predominantemente por aprendizes de escribas do sexo masculino” (MATUSZAK, 2025, p. 4) que, para afixar a transmissão oral⁴³, seguiram os padrões literários da sua época. No entanto, é certo que na segunda metade do terceiro milênio AEC existiu uma prática literária feminina. Assim, é digno mencionar uma “compilação de quarenta e dois Hinos do Templo”, apesar da atribuição a Enheduana permanecer incerta por causa das posteriores atualizações escribais do período paleobabilônico, e um fragmento hínico “em um tablete cuneiforme mal preservado, datado do período Ur III (2110–2003 AEC)” – este fragmento é considerado o “manuscrito literário mais antigo que menciona Enheduana pelo nome em conexão com o deus a quem ela servia” (MATUSZAK, 2025, p. 5-6).

No cântico *nin me šara*, “Senhora das miríades de poderes divinos” (*Inana B*⁴⁴), Enheduana se identifica como sumo sacerdotisa (acd.: *ēntu*; sum.: EN⁴⁵) e autora. Por exemplo, na linha 67: *en-me-en En-ḫe2-du7-an-na-me-en* – “Eu sou a sumo sacerdotisa, eu sou Enheduana”; linha 81: *En-ḫe2-du7-an-na-me-en a-ra-zu ga-mu-ra-ab-du11* – “Eu, Enheduana, recitarei uma oração para ti [Inana]!”⁴⁶.

Uma das suas magníficas obras é o disco de alabastro – “disco de Enheduana” –, em cujo relevo cenográfico do anverso se encontra na companhia de outros sacerdotes; no verso do disco há uma inscrição declamatória⁴⁷. Nessa inscrição, ela se apresenta como *zirru* ^d*Nanna*, esposa ou pássaro/querida de Nanna/Sîn, o deus Lua, como se fora a corporificação da deusa Nin-gal⁴⁸. Em

⁴² Para Gansell (2020, p. 19) e Gadotti (2021, p. 68), as obras preservadas são datadas de mais de 500 anos depois da morte de Enheduana.

⁴³ “As sociedades da Pré-história eram orais por definição” (HERNANDO, 2016, p. 30); essa forma de alteridade passa por mudanças nos períodos arqueológicos seguintes, com o desenvolvimento de lógicas formais, das classificações abstratas e individualizações; contudo, as sociedades das idades dos metais continuam afeitas a oralidades.

⁴⁴ A análise da composição foi realizada por Zgoll (2024), a translação completa pode ser acessada em ETCSL, da Universidade de Oxford. Para Zgoll (2024, p. 2), o cântico *nin me šara* [*Inana B*] é “a referência suprema quando se trata de questões de literatura e autoria na antiga Mesopotâmia”.

⁴⁵ CAD 4 [GELB *et al.* 2004, p. 172-173].

⁴⁶ As translações dos versos de *Inana B* citados podem ser conferidas na pesquisa de Zgoll (2024, p. 9) e em ETCSL, da Universidade de Oxford <<https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/section4/tr4072.htm>> <<https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/section4/c4072.htm>> [Acesso em 18/10/2025].

⁴⁷ Registro do artefato de c. 2340–2200 AEC, medindo 25 cm de diâmetro e originário da cidade-Estado de Larsa: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, B16665. K. P. Sala 2, Nível Larsa?; UE IV: Encontrado em uma câmara do templo de Nin-Gal (Gig-par-ku) em Larsa. [Acesso em 10/01/2024]. O disco também pode ser acessado em: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?search=Disk+of+Enheduana>> [Acesso em 21/10/2025].

⁴⁸ Amy Rebecca Gansell (2020, p. 19) sugere discutir “o significado e o papel de longo prazo de seus hinos na religião sumero-acadiana” pela excepcionalidade de sua vida, e conclui entusiasticamente que Enheduana “não foi apenas uma mulher (e imagem feminina) excepcional, mas também uma pessoa excepcional”. Cécile Michel (2024, p. 115)

categoria estética, a linguagem bélica do poema “Exaltação de Inana”, apesar da linguagem mítica de uma “guerra ritual”, reflete a natureza da divindade, mas sobretudo refere-se a uma época de guerra civil em Sumer, no século XXIII AEC, provocada pela insurgência de uma coalizão de cidades-Estado contra a dinastia de Akkad, ou “império central acádio”, durante o reinado do filho de Manishtushu (*man-ištušu*, c. 2269–2255 AEC) e sobrinho da poeta e sumo sacerdotisa, Narām-Sîn (2254–2218 AEC), em cerca de 2230 AEC⁴⁹. Ao controlar as forças de defesa do rei, o líder emergente Lugalanne (acd.: *lugal-an-né*; bab.: *lugal-an-na*) marchou para o templo de Nanna, depôs a Enheduana do seu principado e a exilou para as montanhas, proclamando-se rei de Ur⁵⁰. Depois de breve período, Narām-Sîn retomou o trono, e “atribuiu seu resgate exclusivamente a Inana”, o mesmo acontecendo com Enheduana em relação à sua posição em Ur⁵¹. O cântico, portanto, situa-se no contexto da crise social – dirige seu clamor por auxílio a Inana, e discursa contra a população de Ur e a autonomia das cidades-Estado sumérias⁵².

Com forte relação sargônica, Ur testemunha a ascensão de mulheres técnicas em atividades literárias, quando governantes se interessam em promover o letramento e constroem grandes escolas em palácios e templos. O rei Shulgi de Ur (2094–2046 AEC) se destaca como um grande construtor no período Ur III, e a partir do início do Bronze Médio aumenta a presença de jovens mulheres participando, juntamente com jovens homens, de cursos em escolas de escribas privatizadas, conforme evidências em tabletes escolares de Sippar⁵³. Em Sippar, as *naditum/naditus*-sacerdotisas quando não redigiam seus próprios documentos, mantinham sob vínculo escribas para documentarem as suas propriedades e aquisições. Foram identificadas nos arquivos da cidade cerca de vinte mulheres técnicas dedicadas aos registros documentários⁵⁴. Pelo menos quatro tabletes de Nippur indicam a autoria escribal de mulheres; além disso, os arquivos da cidade-Estado de Mari atestam mais de uma dezena de mulheres que exerciam essa atividade entre os trabalhadores palacianos⁵⁵.

lembra que em 2015 EC uma cratera do planeta Mercúrio foi nomeada Enheduana, em homenagem à sacerdotisa e poeta. Sobre a historicidade de Enheduana, ver a pesquisa e a bibliografia de Zgoll (2024) e de Matuszak (2025). Em adição, penso que uma série de afecções e demandas podem contar na justificação de autoapresentações proverbiais como “escritora sáfica” e “filha de Safo” (Safo de Lesbos, c. 630 AEC) – a idealização do passado helênico, a rareza das traduções e conseqüentemente o pouco conhecimento que se tem sobre a técnica literária, a orientação sexual por meio das composições hínicas e a potência política de Enheduana de Akkad.

⁴⁹ Podany (2022, p. 161-163) aborda eventos que fizeram parte da revolta em Akkad no século XXIII AEC.

⁵⁰ Ver abordagens históricas e filológicas em Hallo e van Dijk (1968, p. 9, 56, 84), Podany (2022, p. 161-162), Zgoll (2024, p. 5-6) e Matuszak (2025, p. 4-5).

⁵¹ Ver Podany (2022, p. 162) e Zgoll (2024, p. 5-6).

⁵² Sobre a sacerdotisa e poeta Enheduana e sua “Exaltação de Inana”, bem como sobre a crise política envolvendo a cidade-Estado de Ur, ver Gadotti (2021, p. 67-70), Podany (2022, p. 155-163), Michel (2024) e Zgoll (2024, p. 4-13).

⁵³ Sobre isso, ver Podany (2022, p. 303-318; cf. p. 305) e Burke (2023, p. 116-118).

⁵⁴ Sobre isso, ver Michel (2024, p. 119).

⁵⁵ Sobre isso, ver Michel (2024, p. 118).

Bem, a memória, o esquecimento e as formas de construção do gênero podem estar aí, nas experiências da vida diária e nas afecções apenas indiciárias. Inspiradas pela siro-mesopotâmica Ishtar, ou Inana/Inanna, e pela ugarítica Anat, deusas da guerra e caçadoras que apresentam mais de uma identidade de gênero – a derivação semítica de *ištar* vem de *aštar*, deus da guerra⁵⁶ –, mulheres e homens que atuavam nos templos – cantadores, sacerdotes, dançarinos, instrumentistas musicais – apresentam comportamento que indetermina o sexo publicamente. Na distinção das identidades relacionais, muitas imagens – anatomia; inscrição descritiva; comportamento sexual e esteticamente explícito – têm sido associadas a uma espécie de gênero inclinado ou duplicado (BUDIN, 2023), Podany nomeia anacronicamente como “não conforme o gênero” (2022, p. 101) e Gansell (2020, p. 20), no contexto de agenciamento a que entendo como potência de agir feminina no mundo dos empreendimentos tecnológicos, chama de “identidades complexas e fluidas das mulheres”.

Como foram destacadas, as justaposições e alternativas de sexo e gênero – feminino, masculino, eunuco, trans, queer, intersexo – contribuíam para a emergência de novos ambientes com novas linguagens culturais, jeitos e práticas. Muitas interpretações de artefatos que indicaram inicialmente o gênero, como recipientes de faiança ugaríticos associados à higiene e beleza femininas e estatuetas levantinas de mulheres nuas, estão sendo revistas atualmente. A localização das imagens iconográficas desencadeia a relação estética; exemplo disso são as formas de bolo provenientes do palácio real de Mari em que as mulheres nuas estão apoiando os peitos, ou os relevos estampados de mulheres nuas repousando os pés em pedestal, escavados em antigas cidades mesopotâmicas e do norte da Síria. Ambos fornecem categorias femininas do Bronze Médio siro-mesopotâmico que serão produzidos em grande escala no Levante meridional a partir do Ferro II (WEYGAND, 2020, p. 196-197). Situados em capitais, dentre as que se tornaram Estados territoriais, como a Assíria (*māt dāš-šur*) do período Médio Assírio (c. 1366–1077 AEC), ou a igualmente transtigrina Nuzi, e as sírias Mari, Ebla e Terga⁵⁷, os artistas teriam como cenário as paisagens de construções da realeza e seu mobiliário. Portanto, levanto a hipótese de que muitas mulheres das elites dirigentes imiscuíam no imaginário artístico do noroeste sírio participando da singularidade social em que faziam parte majoritariamente pessoas de outras categorias e experiências sociais das margens.

Destarte, no Mediterrâneo oriental, a afecção feminina é melhor entendida pelo seu protagonismo na fortemente avançada sociedade de Ugarit. O que se pode dizer suscitado pelo

⁵⁶ Ver os dados de fontes de Budin (2023, p. 199-200, 206-209) e de Frayne e Stuckey (2021, p. 20-22, 143-146).

⁵⁷ Em uma das provocações feitas pela historiadora Di Bennardis (2013, p. 23) está a possibilidade de Ebla ter sido o primeiro centro urbano do antigo Oriente-Próximo, contra a origem na Baixa Mesopotâmia, a saber, com a construção da cidade de Uruk, c. 3500–3100 AEC. Veja também sobre Ebla a pesquisa de Biga (2016); sobre Mari, ver Santos (2024a; 2025a).

exame dos artefatos realizado por Caubet (2013, p. 236): Trata-se de vasos “provavelmente dotados com significância simbólica masculino/feminino” que eram usados pelos participantes dos festivais para tomar bebidas com distinção identitária de gênero: “imagens e fontes escritas confirmam que as mulheres participavam nos banquetes e rituais de libação, embora apenas como acompanhantes”.

Para melhor compreender a subalternidade atribuída por Caubet precisamos sublinhar quem seria a acompanhante num banquete ou simpósio grego (*συνπόσιον*) e nos festivais ou banquetes levantinos (ugr.: *mrzḥ, mrzšy, ma-ar-zi-ḥi*; heb.: *מרת*) na Idade do Ferro⁵⁸. A “acompanhante” (grg.: *hetaira*) carrega consigo a significação de “prostituta” (grg.: *hetaira*; heb.: *qadēšāh, zônāh*; bab.: *qadištu/qadištum*), ambas, com a “concubina” (grg.: *pallaka*), e “concubina”/“amante masculino” (heb.: *pīlegeš*), atendem respectivamente a seus clientes, senhoras e senhores, nos desejos que lhes expressam por companhia e prazeres⁵⁹.

A pessoa que trabalhava seja como acompanhante e prostituta (*hetaira*), seja como concubina e amante masculino, fazia parte do mesmo cenário cultural e era de camada social diferente da categoria que distingue a prostituição comercial praticada por pessoa que vende o corpo como capacidade de trabalho e o evento sexual, ou o sexo, como mão de obra (grg.: *pornē*; heb.: *zônāh*)⁶⁰. Vários conjuntos de arquivos contendo fontes textuais mesopotâmicas, dos períodos Paleobabilônico e Médio Assírio, e levantinas, da Idade do Ferro (*CAD 2* [GELB *et al.*, 1998]), atestam que as atividades desempenhadas pela *qadištu* (*qdš*) – cognato do ugarítico *qdšm*, do hebraico *qadēšāh* e do sumério *nu-gig* – em nada se assemelhavam com as querelas motivadas por práticas religiosas, mas simplesmente com a significação de *qdš*, raiz semita com a qual se referem a “consagrada”. Assim, *qadištu* estava associada à família e a tarefas como procriar, amamentar e até auxiliar parteiras, sem, no entanto, deixar de participar de celebrações cúlticas dedicadas ao deus da Tempestade Adad/Haddu. Se fosse casada, a *qadištu* do leste do Eufrates “estava associada à ‘tarefa de procriação e natureza’” em concomitância à sua vida familiar⁶¹.

⁵⁸ Veja as definições filológicas no dicionário editado por Olmo Lete e Sanmartín (2015, p. 573-574).

⁵⁹ Os substantivos *qadēšāh* e *qādēš*, feminino e masculino, são identificadores de pessoa que pratica a prostituição nos espaços sagrados, associados a *’āšērāh*, deusa canaanita que em Israel era a consorte de Yahweh e em Ugarit era a consorte de Ilu/El. No Texto Massorético, de acordo com o estudo lexical de Francisco (2024, p. 508, 551-552), o gênero feminino, *qadēšāh*, tem a significação tanto de prostituta sagrada quanto de mulher que recebe pagamento pela prática sexual. Em sua análise de imagens de mulheres em eventos sexuais nas jarras para transportar água e taças de vinho gregas usadas em simpósios, a helenista Rabinowitz (2011, p. 128) afirma que “as descrições resultantes de imagens visuais sugerem que qualquer mulher que recebe um presente é algum tipo de prostituta e não uma esposa potencial ou real”. *Qadištu/qadištum* traduz-se literalmente por “a consagrada”; prostituta que vivia fora dos espaços sagrados e podia contrair matrimônio, talvez com isso mudar a sua condição social. Veja as notas filológicas descritas por Sanmartín (1999, p. 293).

⁶⁰ Veja as análises de Caubet (2013) e de Rabinowitz (2011).

⁶¹ Pode-se conferir fontes textuais em *CAD 2* [GELB *et al.*, 1998, p. 58], registros informativos de artefatos em Frayne e Stuckey (2021, p. 58, 199, 276) e a interpretação de fontes, em Ackerman (2022, p. 337-338).

As atividades desempenhadas pela *qadištu* nos templos mesopotâmicos de Adad/Haddu distanciam-se também da assim chamada prostituição sagrada na medida em que a sua presença nos festejos estabelece uma conexão com Bēlet-ilī, que era irmã de Adad/Haddu e tinha poderes mágicos. Identificados com a santidade (*qdš*), portanto, esses grupos sociais femininos estão associados com a deusa levantina Qudšu (*qdš*) – símbolo tradicional da nudez feminina no antigo Oriente-Próximo, mormente na Síria antiga e distinta da deusa Ashtart mas também frequentemente exibindo o peito e a vulva, além de, por vezes, empunhar vários tipos de armas de guerra⁶². No Egito (^{KUR}*mi-iš-ri*), a deusa Qedešet (*qdšt*)⁶³, integrada aos cultos religiosos juntamente com os deuses da Tempestade desde o início da 18ª Dinastia (século XVI AEC), parece fazer parte da difusão de Qudšu – apesar dos registros mais antigos preservados no Levante acerca de Qudšu serem datados entre os séculos XV e XIII AEC –, e ambas apresentam influências estéticas recíprocas nas representações visuais⁶⁴.

Relativamente à questão da inferiorização de gênero nos simpósios e festivais (*marziḫu*), isso parece fazer sentido se considerarmos estratos de geografia social. Com efeito, no antigo Oriente-Próximo a “fabricação de bebidas em contextos domésticos era provavelmente uma atividade feminina” (EBELING, 2021, p. 469) e as mulheres são, conforme fontes textuais ugaríticas e hebraicas, as responsáveis pela preparação de bebidas e alimentos nos palácios (ACKERMAN, 2022, p. 100-101). A noção de “acompanhante” acerca das mulheres de setores da elite não cabe no contexto desse conjunto de ações organizativas.

Um grande número de plaquetas de terracota e selos de Ur, Mari e Elam, escavados em cômodos de palácios e espaços funerários, apresenta mulheres e homens trabalhando em festivais, por vezes fantasiados, batendo palmas ou tocando instrumento musical – as mulheres são cantoras, dançarinas e instrumentistas musicais tocando harpa, tamborim, uma espécie de berimbau, sistro, flauta e outros (OTTO, 2016, p. 127-128). Sem olvidar que as diferentes situações materiais perdiam a fricção nas trocas intelectuais, repletas de performances artísticas e práticas sexuais⁶⁵. Vale mirar Ebla, porque nessa cidade não poucas dançarinas e cantoras “viviam na corte permanentemente e recebiam tecidos, lã e alimentos pelo seu trabalho. Performavam-se nos banquetes por ocasião de eventos importantes da corte, como a chegada de reis estrangeiros para

⁶² Ver imagens e informação sobre os locais das escavações na pesquisa de Albenda (2005), bem como pesquisas e imagens catalogadas na obra editada por Lassen e Wagensonner (2020).

⁶³ O “t” final funciona como uma adição feminilizante para *gdš* (*santidade*) na escrita egípcia, uma forma comum também nos sistemas ortográficos semíticos, como o aramaico e o hebraico.

⁶⁴ Budin (2015) apresenta uma pesquisa específica sobre as deusas Qedešet e Qudšu; sobre a complexa cronologia, ver p. 3-4, e sobre o aspecto guerreiro de Qedešet, ver p. 8-10.

⁶⁵ Em relação às questões sexuais, temos registros da prática de estupros em *mrzḫ* (simpósio, festival); ver Budin (2023, p. 254-263), mas também Rabinowitz (2011) e García Bachmann (2020).

jurar fidelidade a Ebla etc.” (BIGA, 2016, p. 83). Nesse caso, vale também mencionar que essas mulheres tinham algum privilégio, comparável ao que usufruíam algumas funcionárias íntimas da corte, que recebiam objetos de luxo para estarem presentes em eventos especiais, e em cerimônias realizadas no palácio por uma realeza que, de acordo com Archi (2023, p. 33), operava um sistema cerimonial para troca de objetos valiosos.

É verdade que as imagens mostram as mulheres trabalhando, tanto no segundo quanto no primeiro milênio AEC, mas isso não permite olvidar da presença de mulheres da elite como participantes com autonomia nem da existência nos palácios de rainhas e princesas, mulheres favoritas do rei e de homens ricos, diplomatas e artistas da realeza, além das jovens mulheres “filhas da corte”. Como fiz alusão à nudez como estilo, sublinho que para Otto (2016, p. 128) a questão que permanece enigmática, nas representações visuais mesopotâmicas e sírias do terceiro e segundo milênio AEC, é o motivo acerca da presença de artistas femininas nuas em meio a outras que estão vestidas. Ao menos na medida das realidades visíveis, a nudez tem razões práticas.

As técnicas de encenação variam conforme o estilo desenvolvido, quase sempre a dimensão da presença era uma construção em escalas correspondentes à junção de partes do corpo; na verdade, essa forma de coordenar a dimensão de uma peça artística contribuía para a assimilação de diferentes estilos. Quando a forma era esculpida numa peça única, com o ceramista inserindo a cabeça no corpo moldado e depois vestindo ou acoplando os acessórios, o resultado por vezes revelava a ausência de um código estilístico de modelagem. Trata-se de um processo artesanal que foi aplicado na elaboração dos modelos de estatuetas femininas tridimensionais, como na forma corpórea popularizada no Chipre no primeiro milênio AEC⁶⁶.

Na Idade do Ferro, difundiu-se no Chipre um modelo de estatueta com uma estética alternativa à que exhibe a vulva⁶⁷; um estilo que se poderia dizer sacralizante pelo corpo cilíndrico totalmente revestido, difundindo a musicalidade por meio de instrumentos musicais em que artefatos cilíndricos se destacam no repertório visual. Segundo Tadmor (2006, p. 324-325, 327-330), esse estilo cipriota teve origem na Mesopotâmia, sendo posteriormente identificado no Levante no primeiro milênio AEC. O disco, ou tamborim, pode representar, com diferentes significações, vários objetos conforme o código do estilo e associações, algumas ligadas a símbolos ostensivamente cosmológicos. Contudo, nada disso diz respeito ao perfil das estatuetas cipriotas, porque a maneira como a forma vivente – o índice artístico – porta o acessório caracteriza um aspecto singular da multiculturalidade, aquele que privilegia exclusivamente a agência musical de

⁶⁶ A arqueóloga Miriam Tadmor (2006) apresenta várias peças desse formato de artesanaria.

⁶⁷ Sobre os testemunhos arqueológicos, ver Serwint (2021), Tassignon (2020) e Maillard (2023).

tamborzeiras.

Em adição, as cenas culturais são mantidas no domínio do político na medida em que “as antigas representações de tamborzeiras exibem uma mistura de realismo e convenção” (TADMOR, 2006, p. 326). Com efeito, a tamborzeira é uma agente histórica da difusão da linguagem da beleza física e da música – “representação realista” –, mas a vinculação do tambor ou tamborim verticalizado no peito da mulher é “uma convenção artística”, ainda assim uma composição que pode conotar uma realidade social. Dentre outras ordens de plausibilidade, a realidade social se materializa na preservação das conexões de parentesco. Por elas, as mulheres mantêm vias de diálogo a algumas instâncias de poder a depender do estado social (MEYERS, 2021), não significando, porém, que a prestação de serviço especializado na cozinha por meio da preparação de comida e bebida tenha sido apenas um meio de mobilidade social⁶⁸.

Convém salientar as tecnologias apropriadas pelo Estado que, com as mulheres que as desenvolvem, passam a compor a engrenagem do maquinário político: a perfumaria e fármacos, no conjunto dos serviços terapêuticos peculiares⁶⁹; a talhadura e adaptação de ferramentas; a incorporação das oficinas responsáveis por tecer e confeccionar tanto as roupas sagradas quanto as roupas de membros das elites⁷⁰; a fabricação e comercialização de fornos cilíndricos; técnicas construtivas para edificações seja em terras aluviais, seja em áreas elevadas, que em relação às casas passam a ter localização adequada para a acessibilidade – uma coisa elementar poderosa – e o espaço interno, que permite a presença de artefatos utilizados na vida diária de mulheres⁷¹; a produção de objetos de metal em anexos domiciliares⁷²; além das práticas artísticas acompanhadas de seus mistérios gozosos em ambientes de templos e palácios⁷³.

Excerto: imaginando para real

Em análise etnográfica de grupos sociais do primeiro milênio AEC, Meyers (2013, p. 185) afirma que “o poder das mulheres na tomada de decisões domésticas não é uma questão trivial. Como a família é a unidade social e econômica mais importante, o poder familiar tem consequências significativas para a comunidade como um todo”. Não era trivial; tantas delas conquistavam autonomia social mas nem todas eram mulheres fortes, e os tempos eram duros. Sobre a Mesopotâmia, acessa-se a raras maneiras de comprovar a realidade porque os documentos

⁶⁸ Sobre isso, ver Ebeling (2021) e Meyers (2021).

⁶⁹ Comprovação documental em Cousin (2016) e Nakhai (2018).

⁷⁰ Comprovação documental em Abrahami e Lion (2021), Podany (2022) e Ackerman (2022).

⁷¹ Comprovação documental em Ebeling (2022).

⁷² Em documentação citada por Meyers (2021, p. 491).

⁷³ Sobre isso, ver Otto (2016), Paz (2017), Podany (2022) e Budin (2023).

fazem parte da cultura administrativa das elites, com registros das esferas econômica, religiosa e política; restam, como observou Seth Richardson (2022), os fragmentos dispersos para encontros fortuitos com as pessoas escravizadas e famílias subalternizadas⁷⁴. No Levante, os registros são ainda mais raros⁷⁵. A ampla documentação comprovando a desigualdade social envolvendo as mulheres no mundo antio-oriental permite identificar uma cadeia de situações que as levavam à morte social e física, tais como o predomínio da autoridade masculina na unidade doméstica, o sistema de governo patriarcal, a preferência pela mão de obra de homens e condições acidentais ou circunstanciais (viúvas, mães solteiras, filhas com deficiência física ou consideradas inaptas para o casamento). Em situação de penúria e endividamento, as mulheres contavam entre os existentes descartáveis para a venda como escrava e o escambo⁷⁶.

E aqui, para manter um contraponto, poderia dizer que onde as mulheres lideravam agregados familiares há sinais indiciários do estabelecimento de sistemas heterárquicos, com as memórias femininas associadas às *qadištu/qadištum* e às *nadītum/naditus*. Marten Stol (2016, p. 628-631) faz uma análise documentária da participação de mulheres nos antigos cultos aos ancestrais na Mesopotâmia e no Levante, com a presença de princesas e rainhas em Lagash desde cerca de 2500 AEC. No arquivo, um testamento da cidade de Emar, no norte da Síria, é especial pela autoridade matrilinear conferida à mulher: “um pai, após nomear sua filha como ‘mulher e homem’, significando que ela seria a herdeira com todos os direitos e obrigações associados, estabelece a obrigação de venerá-lo e à sua família após a morte”. Assim como Stol, Ackerman (2022) também analisa essas fontes textuais. Penso que ambos apoiam o indício a que me referi por mencionar uma antiga oração babilônica que era parte da liturgia do culto aos ancestrais e dirigida ao deus Sîn. Na oração, consta uma lista de nomes de ancestrais mortos a serem recitados pelos fieis ao deus, onde nomes de mulheres estão incluídos. Entre as mulheres nomeadas na lista “estão duas esposas dos ancestrais masculinos e cinco mulheres *nadītu*” (ACKERMAN, 2022, p. 201), ou “cinco *nadītus*, duas esposas e uma esposa que aparentemente não teve filhos” (STOL, 2016, p. 631).

⁷⁴ Noto que na importante obra editada por Stephanie Budin e Jean Turfa (2016 [2021]) são realmente poucos os capítulos que lançam alguma luz sobre a questão; em outra importante obra, editada por Margreet Steiner e Ann Killebrew (2014), consideravelmente nada. Noto ainda que Amanda Podany (2022), em sua grande obra, se debruça sobre famílias escravizadas apenas no período Persa Aquemênida, afora algumas menções. Richardson (2022) observa que tem aparecido muitos volumes sobre “identidade”, por exemplo, mas faltam abordagens sobre a privação e a opressão de mulheres, demonstradas em fontes do antigo Oriente-Próximo, e eu acrescentarei a rareza sobre tecnologias desenvolvidas por mulheres no Oriente-Próximo. É realmente inegável que são volumosas as pesquisas sobre o período grego clássico e o mundo romano.

⁷⁵ Não se encontrará praticamente nada nas importantes obras de Patterson (2008), Nakhai (2018), Scheidel (2022) e Scott (2022).

⁷⁶ Richardson pesquisou vários arquivos de documentos sobre a situação de mulheres escravizadas (2022, p. 322-325).

Sim. Mas Richardson apresenta centenas de evidências que comprovam um número muito grande de *nadītum/naditus*-sacerdotisas passando fome e dependentes de auxílios para sobreviverem. Em Sippar, provocado por drásticas mudanças na administração do distrito comercial – *gagûm* –, em que incluem as reformas do comércio imobiliário e a posse de “novos atestados de títulos de supervisores, escribas e porteiros do *gagûm*”, que causaram quase a paralisação do que seria a “expressão de coletividade social ou econômica para as mulheres”, o estado famélico de muitas mulheres era tão grave que Samsuiluna interveio – o rei escreveu uma carta dirigida aos funcionários públicos para que fizessem com que “as *nadītums* que ali viviam fossem devidamente sustentadas financeiramente por suas famílias” (RICHARDSON, 2022, p. 325-326). No entanto, Richardson (2022, p. 326-328) afirma que as atividades no distrito comercial continuaram praticamente as mesmas no final da primeira dinastia babilônica, as *nadītum/naditus* permaneceram comercializando imóveis e “a gerar renda com suas propriedades e plantações como credores e locadores, bem como com o aluguel ou venda de escravos”.

Ao que tudo indica, a pobreza aumentou no reinado de Ammisaduqa (*ammi-šaduqa*, 1646–1626 AEC), porque em tablets aparecem muitas mulheres com filhos em situação de pobreza e a distribuição de comida se torna sistemática⁷⁷. Então, em pouco mais de um século, qual o motivo do acentuado empobrecimento de parcela dessas comerciantes que fizeram opção por não ter filhos, mas também de muitas mulheres com filhos? Para Richardson (2022, p. 326-327), podemos estar diante de uma dispersão de local geográfico, que não foi provocada pela mudança das atividades comerciais, mas pela troca de mercado. Ou seja, as *naditus* trocaram o distrito residencial institucional por outro distrito, onde as pessoas estabelecidas eram em maior quantidade e de baixa escala econômica. No novo mercado, a aritmética econômica resultou na redução dos lucros: mais trabalhadoras, menos porcentagem de riqueza por pessoa e mais famílias em estado de penúria.

Conclusão

Completando o entorno da pesquisa da história, na perspectiva da introdução, cabe agora assentar alguns dados materiais congruentes: é a partir do advento do *Homo erectus* que se tem funcionalmente a delimitação biológica, a seleção sexual e a consequente divisão social como normas padronizadas; são atestadas formas características de exclusão do convívio e seu corolário, a desigualdade de poliginia reprodutiva. Concernente a isso, testemunhos arqueológicos indicam a existência de estratificação social no Levante no período Neolítico Pré-Cerâmico, c. 8500–7000 AEC, mas também na Mesopotâmia, com a territorialização e a desigualdade como fundamentos

⁷⁷ Conferir na pesquisa documentária de Richardson (2022, p. 329-330).

remotos dos modos de vida, que geraram, como efeitos sociais, a estratificação de existentes e a desigualdade na distribuição de ferramentas⁷⁸. Nessas estruturas políticas cristalizadas, a apropriação serve ao funcionamento estrutural da sociedade pela qual as culturas originárias são tornadas estatais. De todo modo, os empreendimentos podem ser caracterizados como profissões não normativas de economia coletiva com interação social entre mulheres e com potencial de mobilidade socioeconômica de existentes não masculinos em mundos divididos por gênero e hierarquicamente. Nessas economias políticas, é o partilhamento de conhecimentos tecnológicos em redes informais dos agregados familiares e em unidades domésticas que desafia as leis de desigualdade do Estado e as ameaças do patriarcado⁷⁹.

Apesar de ser mantida uma tal hierarquia de valor e prestígio gerada pelo desenvolvimento histórico do patriarcado, porque desde o “mundo-aldeia”, de acordo com etnografia de Segato (2023, p. 101-104), “o gênero sempre existiu”, perspectivamente “a esfera doméstica é um espaço ontológico e politicamente completo, com política e sociabilidade”. E o ponto de junção dessas ontologias se encontra no agregado familiar dos ambientes domésticos, onde nunca faltaram os combates por comunidades heterárquicas⁸⁰ dentro da lógica da multiplicidade da *agence* feminina. O oferecimento de serviços técnicos a filhas e filhos da corte, para o funcionamento da tecnologia administrativa, traz o resultado de ferramentas desenvolvidas para a subsistência das espécies existentes, inventadas nas unidades domésticas e nas oficinas compartimentadas aos domicílios.

Foi, pois, importante caracterizar de forma documentária a tecnologia da economia desenvolvida nas estruturas sociais como eventividade política; liame e incidência insurgente no político quando inventada e praticada por rede informal de mulheres, na oposta dimensão em que a imagem feminina fora conceptualmente integrada às experiências das *casas grandes* (palácios, governantes e monumentalidade). As bases materiais aqui apresentadas mudam a própria concepção do espaço físico onde subsiste a vida miúda coletiva e seus efeitos igualadores como contrapoder, como parte das propriedades culturais construtoras de etnicidade em sistemas que envolvem linguagens tangíveis expressivas⁸¹.

⁷⁸ Sobre isso, ver Porter (2013, p. 137-154), Finlayson (2014, p. 128-129) e Scheidel (2022, p. 39-56).

⁷⁹ Sobre isso, ver abordagens antropológicas e interpretações de descobertas arqueológicas de Clastres (2015), Gansell (2020), Meyers (2021), Ebeling (2021; 2022) e Daviau (2022).

⁸⁰ Remeto às pesquisas sobre a heterarquia feminina, na Mesopotâmia realizada por Saana Svård (2012) e no Levante, realizada por Carol Meyers (2013, p. 198-199 *et passim*).

⁸¹ Análise considerando os registros arqueológicos de Smith (2008).

Referências

- ABRAHAMI, Philippe; LION, Brigitte. Textiles and gender during the Middle Babylonian Period (c. 1500–1000 BCE): texts from Syria and Babylonia. In: HARLOW, Mary; MICHEL, Cécile; QUILLIEN, Louise (eds.). *Textiles and gender in Antiquity: from the Orient to the Mediterranean*. London: Bloomsbury, 2021, p. 13-30.
- ACKERMAN, Susan. *Women and the religion of ancient Israel*. New Haven: Yale University Press, 2022.
- ALBENDA, Pauline. The “Queen of the Night” plaque – a revisit. *Journal of the American Oriental Society*, Ann Arbor, v. 125, n. 2, p. 171-190, 2005.
- ARCHI, Alfonso. State production and market at Ebla – animal and wool values. *Asia Anteriore Antica*, Firenze, v. 5, p. 23-40, 2023.
- ARUZ, Joan; SEYMOUR, Michael (eds.). *Assyria to Iberia: art and culture in the Iron Age*. New York; New Haven: Metropolitan Museum of Art; Yale University Press, 2016.
- AUBET, María Eugenia. *Comercio y colonialismo en el Próximo Oriente antiguo: los antecedentes coloniales del III y II milenios a.C.* Barcelona: Bellaterra, 2007.
- BARJAMOVIC, Gojko; JURADO GONZALEZ, Patricia; GRAHAM, Chelsea A.; LASSEN, Agnete W.; NASRALLAH, Nawal; SÖRENSEN, Pia M. Food in ancient Mesopotamia: cooking the Yale Babylonian culinary recipes. In: LASSEN, Agnete W.; FRAHM, Eckart; WAGENSONNER, Klaus (eds.). *Ancient Mesopotamia speaks: highlights from the Yale Babylonian Collection*. New Haven: Yale Peabody Museum, 2019, p. 108-125. [BARJAMOVIC *et al.*]
- BARJAMOVIC, Gojko; YOFFEE, Norman. Working at home, traveling abroad: old Assyrian trade and archaeological theory. In: MAS, Juliette; NOTIZIA, Palmiro (eds.). *Working at Home in the Ancient Near East*. Oxford: Archaeopress, 2020, p. 107-116.
- BIGA, Maria Giovanna. The role of women in work and society in the Ebla kingdom (Syria, 24th century BC). In: LION, Brigitte; MICHEL, Cécile (eds.). *The role of women in work and society in the ancient Near East*. Berlin: Walter de Gruyter, 2016, p. 71-89.
- BLOCH-SMITH, Elizabeth. Acculturating gender roles: goddess images as conveyors of culture in ancient Israel. In: HULSTER, Izaak J. de; LEMON, Joel M. (eds.). *Image, text, exegesis: iconographic interpretation and the Hebrew Bible*. London: Bloomsbury, 2016, p. 1-18.
- BUDIN, Stephanie Lynn. Qedešet: a Syro-Anatolian goddess in Egypt. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, Tucson, v. 74, n. 4, p. 1-20, 2015.

- BUDIN, Stephanie Lynn. *Gender in the ancient Near East*. London: Routledge, 2023.
- BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (eds.). *Women in antiquity: real women across the ancient world*. Vol. 1. London: Routledge, 2021 [2016].
- BURKE, Aaron A. *The Amorites and the Bronze Age Near East: the making of a regional identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.
- BURTON, Marilyn E. Robed in majesty: clothing as a metaphor for the Classical Hebrew semantic domain of כְּבוֹד. In: BERNER, Christoph *et al.* (eds.). *Clothing and nudity in the Hebrew Bible*. New York: T & T Clark, 2019, p. 289-300.
- CAUBET, Annie. Of banquets, horses, and women in Late Bronze Age Ugarit. In: ARUZ, Joan; GRAFF, Sarah B.; RAKIC, Yelena (eds.). *Cultures in contact: from Mesopotamia to the Mediterranean in the second millennium B.C.* New York; New Haven: Metropolitan Museum of Art; Yale University Press, 2013, p. 226-237.
- CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. In: *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Trad. T. Santiago. São Paulo: Cosac Naify, 2015 [1974], p. 201-231.
- DAVIAU, P.M. Michèle. Cultural multiplicity in northern Mo'āb: figurines and statues from Khirbat al-Mudaynah on the Wādī ath-Thamad. In: BALAAWI, Fadi; CREASMAN, Pearce Paul (eds.). *Culture in crisis: flows of peoples, artifacts, and ideas*. Firenze: Università degli Studi di Firenze, Dipartimento di Studi Antichi, 2022, p. 251-265.
- DI BENNARDIS, Cristina. La centralización del poder político y el estado en las sociedades antiguo-orientales: reflexiones sobre teorías e interpretaciones. In: DI BENNARDIS, Cristina; RAVENNA, Eleonora; MILEVSKI, Ianir (eds.). *Diversidad de formaciones políticas en Mesopotamia y el Cercano Oriente: organización interna y relaciones interregionales en la Edad de Bronce*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2013, p. 15-40.
- EBELING, Jennie. Women's daily life in Bronze Age Canaan. In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (eds.). *Women in antiquity: real women across the ancient world*. Vol. 1. London: Routledge, 2021 [2016], p. 465-475.
- EBELING, Jennie. Making space: women and ovens in the Iron Age southern Levant. In: EBELING, Jennie; MAZOW, Laura (eds.). *In pursuit of visibility. Essays in archaeology, ethnography, and text in honor of Beth Alpert Nakhai*. Oxford: Archaeopress, 2022, p. 92-102.
- FATTORI, Anita. *Tecendo a trama social: mulheres e redes comerciais no período paleoassírio*. Volume I: Texto. Tese (História Social), 2025. São Paulo; Paris: Universidade de São Paulo; Université Paris 1-Panthéon Sorbonne, 2025.
- FINLAYSON, Bill. Introduction to the Levant during the Neolithic period. In: STEINER, Margreet

- L.; KILLEBREW, Ann E. (eds.). *The Oxford handbook of the archaeology of the Levant: c. 8000–332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 123-133.
- FRANCISCO, Edson de Faria. *Léxico do Antigo Testamento interlinear hebraico-português*. Vol. 5. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2024.
- FRAYNE, Douglas R.; STUCKEY, Johanna H. *A handbook of gods and goddesses of the ancient Near East: three thousand deities of Anatolia, Syria, Israel, Sumer, Babylonia, Assyria, and Elam*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 2021.
- GADOTTI, Alhena. Mesopotamian women’s cultic roles in late 3rd–early 2nd millennia BCE. In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (eds.). *Women in antiquity: real women across the ancient world*. Vol. 1. London: Routledge, 2021 [2016], p. 64-76.
- GANSELL, Amy Rebecca. Women’s lives in the ancient Near East and facets of ancient Near Eastern womanhood. In: LASSEN, Agnete W.; WAGENSONNER, Klaus (eds.). *Women at the dawn of history*. New Haven: Yale University Press, 2020, p. 14-23.
- GARCÍA BACHMANN, Mercedes L. The various roles of women in the Historical Books. In: KELLE, Brad E.; STRAWN, Brent A. (eds.). *The Oxford handbook of the Historical Books of the Hebrew Bible*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 214-227.
- GELB, Ignace J. et al. (eds.). *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Vol. 2. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 1965 [1998]. [CAD 2]
- GELB, Ignace J. et al. (eds.). *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Vol. 4. Chicago: University of Chicago Press, 1958 [2004]. [CAD 4]
- GRASLIN-THOMÉ, Lætitia. Les échanges à longue distance. In: BORDREUIL, Pierre; BRIQUEL-CHATONNET, Françoise; MICHEL, Cécile (éds.). *Les débuts de l’Histoire: civilisations et cultures du Proche-Orient ancien*. Nouvelle éd. revue et augmentée. Paris: Kheops, 2014, p. 212-218.
- GREENBERG, Raphael. *The archaeology of the Bronze Age Levant: from urban origins to the demise of city-states, 3700–1000 BCE*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- HALLO, William W.; van DIJK, Johannes J. Adrianus. *The exaltation of Inanna*. New Haven: Yale University Press, 1968.
- HERNANDO, Almudena. Sobre identidad/alteridad y el estudio del pasado: una introducción. *ArkeoGazte: Arkeologia Aldizkaria*, Leioa, n. 6, p. 29-36, 2016.
- IMHAUSEN, Annette. Sciences and normative orders: perspectives from the earliest sciences and their histories. *Normative Orders Working Paper*, Frankfurt am Main, v. 1, p. 1-27, 2021.
- KERTAI, David. The guardians at the doors: entering the Southwest Palace in Nineveh. *Journal of*

Near Eastern Studies, Chicago, v. 74, n. 2, p. 325-349, 2015.

LASSEN, Agnete W.; WAGENSONNER, Klaus (eds.). *Women at the dawn of history*. New Haven: Yale University Press, 2020.

LEWIS, Theodore J. *The origin and character of god: ancient Israelite religion through the lens of divinity*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

LION, Brigitte; MICHEL, Cécile. Les métiers féminins dans les palais et grands domaines de Syrie et Haut-Mésopotamie au début du II^e millénaire av. J.-C. *Journal of Cuneiform Studies*, Chicago, v. 74, n. 1, p. 17-33, 2022.

MAILLARD, Pauline. *Kition-Bamboula IX*. Les cultes des Saline à Kition: étude des terres cuite d'époque classique. Lion: Maison de l'Orient et de la Méditerranée Éditions, 2023.

MATUSZAK, Jana. Enheduana. In: GRIG, Lucy (ed.). *Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2025, p. 1-10.

McGEOUGH, Kevin M. "Will womankind now be hunting?": the work and economic lives of women at Late Bronze Age Ugarit. In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (eds.). *Women in antiquity: real women across the ancient world*. Vol. 1. London: Routledge, 2021 [2016], p. 476-487.

MEYERS, Carol. *Rediscovering Eve: ancient Israelite women in context*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MEYERS, Carol. Women's daily life (Iron Age Israel). In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (eds.). *Women in antiquity: real women across the ancient world*. Vol. 1. London: Routledge, 2021 [2016], p. 488-500.

MICHEL, Cécile. Women work, men are professionals in the old Assyrian private archives. In: LION, Brigitte; MICHEL, Cécile (eds.). *The role of women in work and society in the ancient Near East*. Berlin: Walter de Gruyter, 2016, p. 193-208.

MICHEL, Cécile. Cuneiform manuscript culture and gender studies. In: GROSSMANN, Eike (ed.). *Female agency in manuscript cultures*. Berlin: Walter de Gruyter, 2024, p.103-128.

MIEROOP, Marc van de. *Historia del Próximo Oriente antiguo: ca. 3000–323 A.E.C.* Trad. A. Piquer y S. Arroyo. Madrid: Trotta, 2020 [2016].

NAKHAI, Beth Alpert. A world of possibilities: Jerusalem's women in the Iron Age (1000–586 BCE). In: BUDIN, Stephanie Lynn *et al.* (eds.). *Gender and methodology in the ancient Near East: approaches from assyriology and beyond*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2018, p. 369-389.

OLMO LETE, Gregorio del; SANMARTÍN, Joaquín. *A dictionary of the Ugaritic language in the*

- alphabetic tradition*. Third revised edition by Wilfred G.E. Watson. Leiden; Boston: Koninklijke Brill, 2015.
- OTTO, Adelheid. Professional women and women at work in Mesopotamia and Syria (3rd and early 2nd millennia BC): the (rare) information from visual images. In: LION, Brigitte; MICHEL, Cécile (eds.). *The role of women in work and society in the ancient Near East*. Berlin: Walter de Gruyter, 2016, p. 112-148.
- PARPOLA, Simo (ed.). *Assyrian-English-Assyrian-Dictionary*. Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 2007. [AEAD]
- PATTERSON, Orlando. *Escravidão e morte social: um estudo comparativo*. Trad. F.D. Joly. São Paulo: Edusp, 2008 [1982].
- PAZ, Sarit. *Drums, women, and goddesses: drumming and gender in Iron Age II Israel*. Fribourg; Göttingen: Fribourg Academic Press; Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.
- PODANY, Amanda H. *Weavers, scribes, and kings: a new history of the ancient Near East*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- PORTER, Anne. *Mobile pastoralism and the formation of Near Eastern civilizations: weaving together society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- RABINOWITZ, Nancy Sorkin. Sex for sale? Interpreting erotica in the Havana collection. In: GLAZEBROOK, Allison; HENRY, Madeleine M. (eds.). *Greek prostitutes in the ancient Mediterranean, 800 BCE–200 CE*. Madison: University of Wisconsin Press, 2011, p. 122-146.
- RADNER, Karen. The Assyrian king and his scholars: the Syro-Anatolian and the Egyptian schools. *Studia Orientalia*, Helsinki, v. 106, p. 221-238, 2009.
- RICHARDSON, Seth. Hard times for Sippar women: three Late Old Babylonian cases. *Journal of Ancient Near Eastern History*, Berlin, v. 9, n. 2, p. 319-350, 2022.
- RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. A. François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [2000].
- ROCHBERG, Francesca. Science and ancient Mesopotamia. In: JONES, Alexander; TAUB, Liba (eds.). *Science*. Vol. 1: Ancient Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 7-28.
- ROUTLEDGE, Bruce. Is there an Iron Age Levant? *Revista del Instituto de Historia Antigua Oriental*, Buenos Aires, v. 18, p. 49-76, 2017.
- SANMARTÍN, Joaquín (ed. y trad.). *Códigos legales de tradición babilónica*. Madrid; Barcelona: Trotta; Edicions de la Universitat de Barcelona, 1999.
- SANTOS, João Batista Ribeiro. O rei amurrita Yarīm-līm de Yamḥad e a construção de uma dinastia alepino-mariyanum no período protobabilônio. In: ROSSI, Andréa Lúcia Dorini de Oliveira

SANTOS, João Batista Ribeiro. Na artesanaria de mundos: a potência de agir de mulheres técnicas na maquinaria política de cidades da Síria e da Mesopotâmia

Carvalho; CARVALHO, Margarida Maria de (Orgs.). *Representantes do poder e suas ações culturais na Antiguidade e no Medievo*. Curitiba: Editora CRV; CAPES, 2024a, p. 15-29.

SANTOS, João Batista Ribeiro. *A difusão iconográfica da religião: historiografia de políticas de guerra e representações visuais na Antiguidade Oriental*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2024b.

SANTOS, João Batista Ribeiro. Aleppo, Mari and the aleppine-mariyanum dynastic project in the ancient Syria. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 41, p. 1-36, 2025a.

SANTOS, João Batista Ribeiro. Etnicidade e fenômenos de linguagens locais transmitidas: uma reavaliação das condições de construção identitária para além do antigo Oriente-Próximo. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 13-42, 2025b.

SANTOS, João Batista Ribeiro. Transformações estatais na Transjordânia: breve percurso formativo dos reinos de Ammon, Moab e Edom. *Reflexão*, Campinas, v. 50, p. 1-28, 2025c.

SCHEIDEL, Walter. *Violência e a história da desigualdade: da Idade da Pedra ao século XXI*. Trad. V. Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2022 [2017].

SCOTT, James C. *Contra el Estado: una historia de las civilizaciones del Próximo Oriente antiguo*. Trad. A. Cabo, J. Riello y R. Dorado. Madrid: Trotta, 2022 [2017].

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: do patriarcado comunitário de baixa intensidade ao patriarcado colonial-moderno de alta intensidade. In: *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Trad. D. Jatobá e D. Gontijo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023 [2013], p. 85-120.

SERWINT, Nancy. Women and the art of ancient Cyprus. In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (eds.). *Women in antiquity: real women across the ancient world*. Vol. 1. London: Routledge, 2021 [2016], p. 399-415.

SMITH, Stuart T. Crossing boundaries: nomadic groups and ethnic identities. In: BARNARD, Hans; WENDRICH, Willeke (eds.). *The archaeology of mobility: old world and new world nomadism*. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology at University of California, 2008, p. 343-365.

SQUITIERI, Andrea; ALTAWHEEL, Mark. Empires and the acceleration of wealth inequality in the pre-Islamic Near East: an archaeological approach. *Archaeological and Anthropological Sciences*, Berlin, v. 14, n. 10, p. 1-16, 2022.

STEINER, Margreet L.; KILLEBREW, Ann E. (eds.). *The Oxford handbook of the archaeology of the Levant: c. 8000–332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

STEINERT, Ulrike. Cows, women and wombs: interrelations between texts and images from the

SANTOS, João Batista Ribeiro. Na artesanaria de mundos: a potência de agir de mulheres técnicas na maquinaria política de cidades da Síria e da Mesopotâmia

- ancient Near East. In: KERTAI, David; NIEUWENHUYSE, Olivier (eds.). *From the four corners of the earth*. Studies in iconography and cultures of the ancient Near East in honour of F.A.M. Wiggermann. Münster: Ugarit-Verlag, 2017, p. 205-258.
- SVÄRD, Saana. Women, power, and heterarchy in the neo-assyrian palaces. In: WILHELM, Gernot (ed.). *Organization, representation, and symbols of power in the ancient Near East*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012, p. 507-518.
- TADMOR, Miriam. Realism and convention in the depiction of ancient drummers. In: AMIT, Yairah et al. (eds.). *Essays on ancient Israel in its Near Eastern contexts*. A tribute to Nadav Na'aman. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006, p. 321-338.
- TASSIGNON, Isabelle. Déesse – prostituée – initiée ? Une proposition d'interprétation des « plaquettes d'Astarté » chypriotes. In: DONNAT, Sylvie; HUNZIKER-RODEWALD, Régine; WEYGAND, Isabelle (éds.). *Figurines féminines nues: Proche-Orient, Méditerranée orientale, Asie centrale (VIII^e millénaire av. J.-C.–IV^e siècle ap. J.-C.)*. Paris: Boccard, 2020, p. 319-328.
- WEYGAND, Isabelle. Les images de femmes nues à Mari et à Terga (Syrie) du III^e millénaire au début du II^e millénaire av.J.-C. In: DONNAT, Sylvie; HUNZIKER-RODEWALD, Régine; WEYGAND, Isabelle (éds.). *Figurines féminines nues: Proche-Orient, Méditerranée orientale, Asie centrale (VIII^e millénaire av. J.-C.–IV^e siècle ap. J.-C.)*. Paris: Boccard, 2020, p. 195-215.
- YASUR-LANDAU, Assaf. Women in Philistia: the archaeological record of the Iron Age. In: BUDIN, Stephanie Lynn; TURFA, Jean MacIntosh (eds.). *Women in antiquity: real women across the ancient world*. Vol. 1. London: Routledge, 2021 [2016], p. 501-510.
- ZGOLL, Annette. En-ḫedu-ana: the birth of literature through the goddess. *Iraq: Journal of the British Institute for the Study of Iraq*, Cambridge, v. 87, p. 1-27, 2024.